

## 6

### Conclusão

A conclusão é a permanência de um hedonismo trans-histórico na atividade pictórica moderna.

Hedonismo aqui entendido como puro e simples prazer pelo exercício da contemplação e sensibilidade plásticas, capaz de manipular conceitos e conectá-los sensivelmente.

O invisível fora trazido para a pintura, extraído do mundo e eternizado em cores e linhas, como exposto aqui, por Ingres e Matisse, bem como por Cézanne, ao autorizar o vazio das lacunas visuais pela percepção sensível, e Warhol, com suas celebridades, esvaziadas a cada quinze minutos de observação atenta.

Andy Warhol é o grande filho dessa sensibilidade, ao realizar o esvaziamento do invisível – conteúdo intelectual - através da repetição de imagens, as quais, contudo, nunca eram iguais. É preciso por parte do observador um tempo de contemplação tão extenso e paciente quanto na apreciação de uma obra de Ingres.

A verdade está no visível. Está tudo ali, mas é difícil ver. A superfície parece frívola, mas apenas parece. É como olhar uma pintura de Ingres: quanto mais você olha, mais superficial e verdadeira ela se torna.

Talvez seja tão difícil perceber as qualidades do visível quanto o “ponto de origem” de um quadro de Matisse.

Não é necessário buscar esse ponto de origem, como disse Leo Steinberg, mas pode ser um valioso exercício para que se perscrute a irradiação estética da obra.

Visível e invisível não se opõem.

Trata-se do fim das antíteses, o fim da prevalência de uma razão lógica em prol da elevação de uma razão poética. Fim das prevalências. Fim das negações. Tudo coexiste.

A conclusão deste trabalho não poderia fugir à metodologia de análise crítica que o acompanhou. Corre-se o risco de tornar a conclusão uma inconclusão, objetivo em subjetivo, linhas em cores.

Texto descomprometido. Hedonista e crítico, que vê em Warhol a transfiguração da flor de Vence de Matisse numa Marilyn anônima. A flor que Matisse capturou em seu jardim e que fora reduzida a suas “linhas essenciais” num pequeno pedaço de papel.

A manutenção de um lastro objetivo mais evidente em Warhol não o afasta de Matisse. Pelo contrario: ao trazer a superfície do mundo, sua frivolidade, para a arte, Warhol em nenhum momento a reproduziu. Tornou-a tão anônima quanto a flor de Vence.

Como diria Vinícius de Moraes, em seu soneto “Revolta”: “O mundo é bom, o espaço é muito triste”. Matisse transmutou toda a complexidade desse mundo nas linhas da pequena flor de Vence enquanto Warhol operou uma síntese, mas uma síntese que não se fecha no método, e sim abre-se para a percepção sensível: o artista munuiu-se de todos os vícios – a frivolidade - e vicissitudes – cores - do espaço triste do mundo, e tornou-os um só, pronto para ser novamente significado pelo rito da contemplação.